



OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUÇAL E DO ESTRANGEIRO

ASSIGNATURA

Moeda forte	PORTUGAL E COLONIAS	Francos de porte
Anno ou 24 numeros	25000	Trimestre ou 6 numeros
Semestre ou 12 numeros	12500	N.º avulso ou pago á entrega
		ESTRANGEIRO
Anno ou 24 numeros	35000	Semestre ou 12 numeros
		12500

1.º ANNO — VOLUME I — N.º 17

1 DE SETEMBRO 1878

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA
Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
Correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim J. Alves.

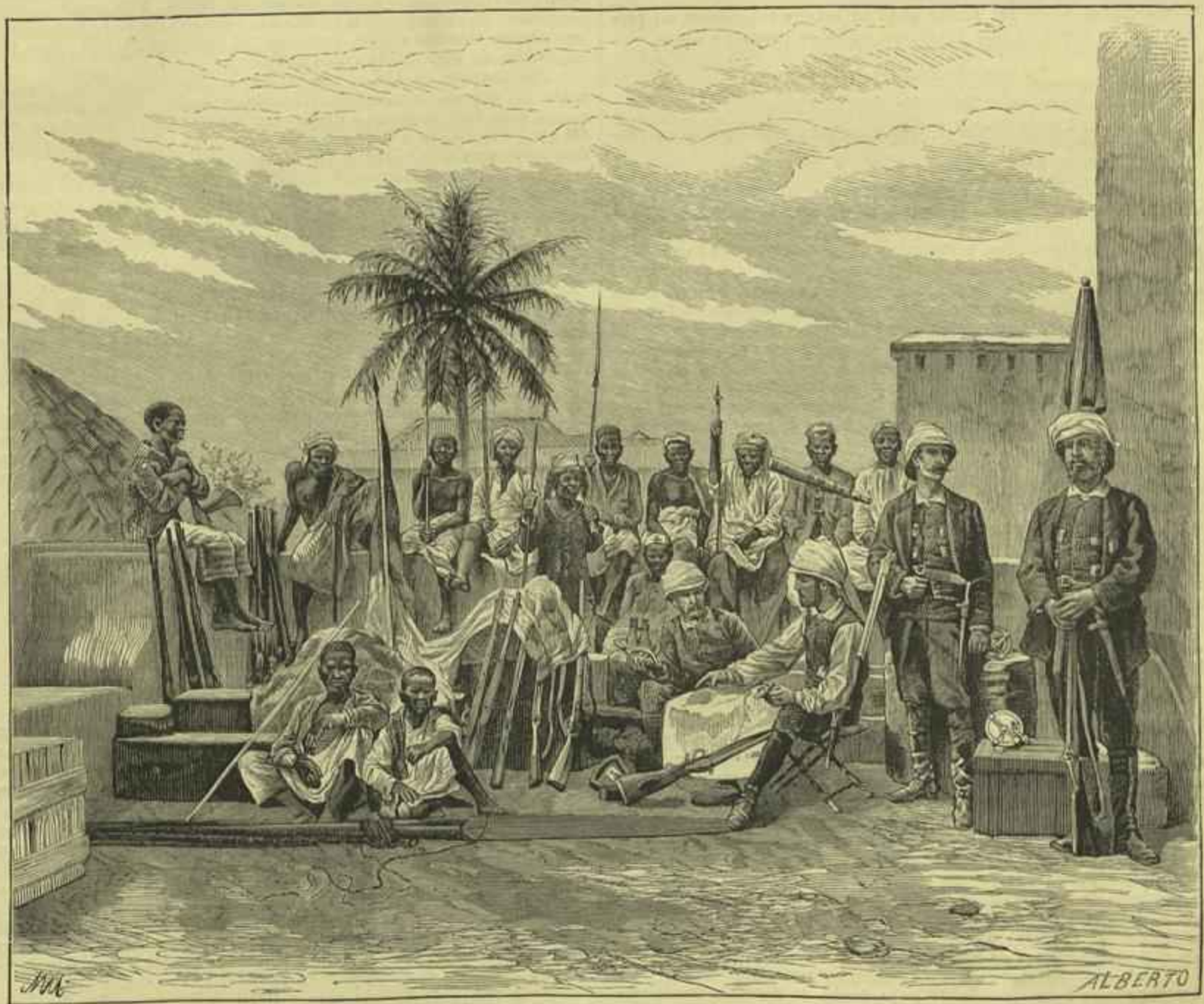
SUMMARIO

TEXTO. — Chronica occidental, por GUILHERME DE AZEVEDO — Expedição portugueza a Africa austral, por LUCIANO CORDEIRO — O Visconde do Rio Branco, por ALBERTO GAMA — As nossas gravuras — Joaquim Pedro de Sousa, por M. M. BORDALO PINHEIRO — A exposição pecuaria do Penafiel, por SILVESTRE B. LIMA — Os ultimos amores

de Goethe, por D. MARIA AMALIA VAS DE CARVALHO — O Limbo, por CHRISTOVAM ARES — A perdis do cartão, por GERVASIO LORATO — Bibliographia.

GRAVURAS. — Conferencia de H. Stanley com os exploradores portuguezes em Loanda — O Visconde do Rio Branco — O palacio do Campo de Marte — Caminho na floresta, quadro de A. Kell — Joaquim Pedro de Sousa — Cubata dos exploradores portuguezes nos arredores de Bihé — Enigma.

EXPEDIÇÃO GEOGRAPHICA PORTUGUEZA A AFRICA AUSTRAL



CONFERENCIA DE HENRY STANLEY E OS EXPLORADORES PORTUGUEZES EM LOANDA
(Segundo uma photographia enviada pelos expedicionarios)

CHRONICA OCCIDENTAL

Ao passo que os ulmeiros se começam a despir de folhas, os candidatos começam a enflorar-se d'esperanças.

Todos os animos estão suspensos d'uma palavra unica da folha official. No dia em que ella proferir a data aguardada com tanta ansiedade, n'esse dia começará a grande batalha ferida desde o parapeto da consciencia publica até ao reduto da folha de flandres em que se recolhe o voto dos eleitores: isto é, desde a taça até á urna.

Entretanto, em Lisboa, o *Processo do Can-can*, alvoroça muito mais os espiritos, n'este momento, do que o processo eleitoral, sem que seja possível explicar este phenomeno, pois que entre um e outro não ha certamente essa differença capital que á primeira vista parece. Em ambos é preciso ser exímio na pirueta batendo bem com o pé na ponta no nariz visinho, revoltando n'uma cambalhota macabra por cima dos espectadores, deixando ver a meia além da liga...

Nota em homenagem ao pudor.—No caso politico suspeito a meia em questão nunca pôde ser senão... a meia libra.

Lisboa, diga-se por uma vez, nunca foi muito dada a preocupações partidarias. Quando se trata dos seus destinos a capital d'este abençoado torrão, aonde a phylloxera ajuda n'este momento a cavar a vinha do senhor, entrega-se nas mãos dos primeiros salvadores que encontra ao voltar da esquina. O que ella não quer sobretudo é que a perturbem no pleno devaneio das suas digestões ou que a desacreditem lá fóra chamando-lhe uma cidade libertina, chela d'imaginação e d'audacia. A phantasia oriental de Lisboa está representada na rua central do passeio publico e a sua rasgada iniciativa no tapume dos paços do concelho. Os lagos do passeio somnados com o frontão dão a somma do pensamento municipal, e este pensamento reduzido a forma tangível dá um vulto espherico, representante genuino da redondeza da cidade que vai rebolando pela estrada do destino, sem fazer *boulevards*, mas também sem fazer revoluções, como Paris, Madrid, Berlim e Bruxellas.

Ora o que não faz maravilhas merece bem ser absolvido pela circumstancia de não fazer barricadas.

Em quanto assim fór Lisboa pôde ter sempre sonhadores na provincia que ás horas de luar devaneiam sosinhos pensando n'ella.

Eu nunca vi Lisboa e tenho pena.

A primeira virtude d'um povo patriarcal é não espantar os rouxinos.

—Emquanto, segundo a phrase d'um orador recente, a formosa odaliscas do Tejo, nos recessos do seu *boudoir*, com uma panela de cal dependurada ao pescoço, trata n'este momento d'embranquecer a face para seduzir os trovadores, o *Processo do Can-can* chama ao theatro dos Recreios tudo o que a cidade conta de mais distincto tanto em libertinagem como em virtude. Entre todos os processos, mais ou menos escandalosos que Lisboa tem saboreado, nos ultimos tempos, o do *Can-can* é certamente aquelle que mais a tem ferido no intimo d'alma. É indisciplinavel o interesse que a população da capital toma n'este momento pela *Seguidilla* contra as pretensões d'esse devasso filho da decadencia que, á ultima hora, se quiz medir com o *bolero*. Podemos dizer que, em Portugal, agora, não ha ninguém que, simplesmente pelos seus *bonitos olhos*, tenha obtido mais assignaladas victorias do que a sr.^a Moriones e o sr. Pedro Franco.

As glórias da graciosa cantora andam apregoadas, dia a dia, pelo noticiario portuguez: as do illustre politico foram gorgueadas ao luar pelo sr. Ansur que, empoleirado n'uma olaia, batendo as azas da sobrecasaca, soltou em honra de Belem a melodia mais sentida de que na terra ha memoria.

Devemos entretanto dizer em abono da verdade que já houve rouxinos governamentais que trinavam tão bem como este, e que simplesmente foram perdendo a voz por lhe estar caindo a penna... atraz da orelha.

Por fim vem talvez a descobrir-se que o xarope de James é uma excellente receita para fazer sabiás.

—Na ultima semana o sr. Thomaz Ribeiro, ministro da marinha, dirigiu-se a Vizen que em sua honra deu um baile esplendido, conforme a descripção das folhas da localidade. O illustre ministro teve o prazer de assistir á inauguração do *caminho de ferro da Beira Alta*, que não obstante ter sido concedido ha tão poucos dias, já n'este momento atravessa ovante aquellas uberrimas regiões do paiz.

Este caminho de ferro que uma poderosa companhia franceza diz não poder construir em menos de seis annos, foi levado a effeito por um redactor da *Atalaya*—folha catholica da Beira—n'uma noite! Não é como muitos podem suppor um caminho de ferro de via reduzida; é um caminho de ferro posto em *galope* e dançado no club pelo proprio homem de estado a quem foi offerecido. A arte contemporanea está produzindo em Portugal d'estas maravilhas; resolve por musica os mais difficéis problemas da governação!

O mais razoavel agora seria o governo procurar meio de annullar o contracto para a construcção da linha ferrea da Beira, a fim de não se dar a circumstancia lamentavel de Vizen, depois de ter experimentado a viação acelerada a galope, no club, a vá experimentar depois a passo pelos vales.

E ao mesmo tempo fazer a diligencia para que na linha do norte e leste se ensaie o mesmo systema. A viagem ao Porto deve abreviar-se muito mais empregandô a companhia, em vez de machinas, o *cotillon*.

—Apesar de Portugal nos ultimos tempos abundar muito em celebridades não se deve deixar sem menção especial a circumstancia do mani-flautista Alves da Silva, depois de ter percorrido ovante a Europa inteira, sem nunca ter encontrado um rival no seu caminho, encontrar um apenas chega á terra que lhe foi berço.

Note-se que este mani-flautista é dos que pôde sem figura de rhetorica dizer que o abençoado torrão da patria lhe foi *berço*, pois que a suprema verdade é que Alves da Silva começou por dormir no chão ao ar livre. Mas como se esta prova de carinho não fosse ainda bastante da parte do torrão natal, deu-lhe mais elle, ao que parece, um outro irmão na arte que até aqui vivia ignorado do mundo, mas que n'este momento, cego pelo aureo reflexo da corôa de gloria do seu rival, se propõe a vir ás mãos com elle n'um torneio publico.

Verdadeiramente no fundo Portugal é o paiz aonde os phenomenos se cultivam hoje com mais esmero. Para se tocar flauta, por exemplo, não é preciso flauta, da mesma forma que para ser conselheiro não é preciso ter senso commum. Para exercer o cargo de almirante dispensam-se esquadras, da mesma forma que se dispensa a Arabia e a Ethiopia para se ser senhor da Ethiopia e da Arabia.

Não é pois de admirar que d'aqui a pouco se descubra que todo o portuguez é mais ou menos mani-flautista, devendo n'esse caso o Barou, em vez de fazer luyas, passar a fazer caixas de *changrin* forradas de veludo para nós acondicionarmos as mãos.

A suprema elegancia então consistirá em a leitora trazer os afflados dedos da sua esbelta mão patricia guardados n'uma caixa de seis fechaduras.

—O meu supremo prazer seria hoje, n'esta chronica, fallar de livros, de theatros, de casos galantes, de rasgos de phantasia, de improvisos do genio, mas a suprema verdade é que, n'este genero, as chronicas da cidade apenas rezam nos ultimos dias d'uma actriz raptada depois da representação n'uma barraca em Belem. Este acontecimento restabelece de certa forma o credito das barracas de feira, tornando-as verdadeiros theatros d'estes successos ruidosos que lá fóra são o pão quotidiano da curiosidade mundana.

Nos theatros de Lisboa não só não se raptam actrizes, mas ao contrario, quando se menciona a sahida repentina d'uma princeza da rampa para fóra de portas é simplesmente para nos annunciar que ella foi em peregrinação a longes terras pagar uma promessa, como succedeu agora com a sr.^a Emilia das Neves.

Ah, que triumpho para a arte dramatica se a roubassem no caminho!—a fingir!—que sensação profunda no mund portuguez! Como o triste theatro de D. Maria II, que para ahí vegeta sem forro nos camarotes e sem incentivos na arte, se sentiria remoçado como que volvendo aos seus primeiros dias de gloria e de ruido!

—Belem foi a heroína dos ultimos quinze dias: foi uma pequenina Paris rustica feita em cortiça, tanto pelos incidentes politicos de que foi theatro como pelos raptos de que foi victima. Já o sr. Ansur nos revelou que enquanto Lisboa dorme, Belem véla, pois que basta o Porto gritar *á lerta*, para ella logo responder *á lerta estou*.

É Babylonia reduzida a praça de pret.

De resto quem se quizer convencer de que as *torrinhas espirituosas* de D. Manuel não são uma simples imagem, pôde ir ao Rastello e certificar-se por seus proprios olhos. Simplesmente em vez de olhar para os corucheus dos Jeronymos deve olhar para defronte, — para a barraca da *Pincha*.

GUILHERME D'AZEVEDO.

EXPEDIÇÃO GEOGRAPHICA PORTUGUEZA Á AFRICA AUSTRAL

STANLEY E OS NOSSOS EXPEDICIONARIOS

Sabem já os nossos leitores como Serpa Pinto, o ousado explorador que a estas horas atravessa talvez a região onde morreu Livingston, teve a ventura de ser como que o embaixador da Europa, enviado a saudar a celebre expedição anglo-americana de Stanley quando ella chegava, extenuada e disimada, á beira do Atlantico.

Não lhes é também desconhecida aquella notavel carta em que o nosso amigo narrava, cheio de generosa commoção, o seu encontro com o illustre navegador do Lualaba-Congo.

Stanley veio com Serpa Pinto para Loanda, a bordo da nossa canhoneira *Tamega*.

Regeitando todas as calorosas offertas de hospedagem, Stanley foi alojar-se na casa occupada pelos nossos exploradores estabelecendo com elles aquelle agradável convívio e singular associação que elle denominava *Sociedade de Geographia* de Loanda.

No caminho de Loanda para o Natal, o illustre explorador americano dedicava aos seus recentes amigos, n'uma carta ao *Daily Telegraph* e ao *New York Herald*, uma eloquente manifestação do seu reconhecimento e da sua sympathia.

«Eu estive, — diz elle, — bastante tempo com os tres exploradores para reconhecer que eram tres homens talentosos, que auxiliados pelo governo, carregados ou antes sobrecarregados com instrumentos scientificos da mais recente invenção, reforçados por outras condições favoráveis, hão de seguramente trazer da sua viagem muitos conhecimentos utilísimos e revelações topographicas altamente valiosas. É grande o seu enthusiasmo n'este momento. A influencia e a amizade de Serpa Pinto e de Brito Capello, preparou-me a mais lisonjeira recepção em Loanda.»

«O objectivo, — diz ainda o illustre americano — a que se propunha Serpa Pinto antes da minha chegada era a exploração do Congo; elle tinha agora, disse-me, de seguir outro caminho, no interesse do seu paiz. Lembra-me o Kunene ou *Nour se river*, e juntos traçamos um plano para largamente ser explorada a desconhecida região que se estende da embocadura do Kunene ao Bihé e do Bihé ao Lago Bemba, depois ao Lago Nyassa e até Moçambique.»

É esta interessante conferencia que a nossa estampa de hoje registra Serpa Pinto com uma carta d'África diante de si, expõe o seu projecto novo a Stanley.

É um verdadeiro quadro este agrupamento d'aquelles valentes que acabavam de fazer a dura campanha da travessia africana e dos bravos moços que cheios de enthusiasmo e de sciencia, iam lançar-se n'ella.

LUCIANO CORBEIRO.

O VISCONDE DO RIO BRANCO

O OCCIDENTE dá hoje o retrato d'um dos homens mais eminentes do Imperio Brazileiro, nosso hospede n'este momento; d'um estadista illustre que tem o seu nome enlaçado aos fastos modernos e brilhantes do grande imperio d'além-mar; d'um homem, em fim, que pelo esplendor da sua privilegiada intelligencia e pela generosa iniciativa do seu espirito tem direito à veneração universal e ao reconhecimento da humanidade.

Não é da indole d'estas publicações passageiras dar biographias desenvolvidas das celebridades do dia, em todos os incidentes da vida. O perfil physico do homem tem simplesmente de ser completado com o esboço da sua individualidade moral; a traços simples e claros aonde as feições mais características se apresentem em toda a lucidez aos olhos dos leitores.

O visconde do Rio Branco, José Maria da Silva Paranhos, nasceu de paes oriundos de Portugal, na Bahia, em 1819. Fez brilhantes estudos na Academia de Marinha do Rio de Janeiro e depois na escola militar, seguindo os impulsos da sua vocação para as mathematicas em que se tornou distinctissimo, sendo em 1845 nomeado professor substituto d'aquellas escolas. Mas ao mesmo tempo a sua esphera intellectual abrangia o estudo das sciencias philosophicas e historicas o que lhe permitia estrear-se vantajosamente nas luctas da imprensa diaria como um dos mais extrenuos defensores das liberdades publicas e dos interesses politicos e economicos do seu paiz. A sua carreira d'homem publico começava então offerecendo-lhe os eleitores fluminenses o diploma de deputado à assembléa legislativa provincial.

São assignalados os seus triumphos na imprensa periodica, quer como fundador e redactor do *Correio Mercantil*, quer como auctor das *Cartas ao amigo*, notavel collecção d'epistolas literarias e politicas que ficarão nos annaes do jornalismo, como modellos de graça, de finura e d'observação.

Em 1851 alliaa o cargo de professor com o de redactor do *Jornal do Commercio* aonde se continou a manifestar o mesmo escriptor distincto, o mesmo pensador profundo. Foi ahí que o marquez de Paraná o foi convidar para que na qualidade de seu secretario o acompanhase aos Estados do Prata na missão diplomatica incumbida áquelle distincto estadista.

Em 1853, organisava o marquez de Paraná um gabinete de conciliação, e conhecedor dos valiosos dotes do seu antigo secretario reservava a pasta da marinha para o visconde do Rio Branco que depois, em 1856, tomava conta da pasta dos negocios estrangeiros, assignalando-se na tribuna como um orador eloquente e um verdadeiro homem d'estado, conhecendo como poucos os negocios das republicas lemitrophes do imperio, com as quaes tractou subsequentemente em muitos trances difficeis, sempre com gloria para o seu nome e triumpho para o Brazil, especialmente na celebre questão do Paraguay em que foi o principal negociador. Em 1861 encarregado o duque de Caxias de nova organização ministerial, é o visconde de Rio Branco incumbido da pasta da fazenda, manifestando da mesma fórma no desempenho de tão elevado cargo uma rara applicação ao trabalho e um grande alcance de vistas em todas as questões economicas.

De 1865 a 1868 vamos encontrar o distincto estadista já senador, em opposição decidida, mas cordata sempre, contra o ministerio presidido pelo conselheiro Zacharias, até que depois de varios incidentes politicos é encarregado da organização de um gabinete de que é presidente.

Abre-se aqui a pagina mais brilhante da historia do visconde do Rio Branco, d'aquella em virtude da qual o seu nome tem de ficar inscripto não só nos annaes da sua patria, mas na historia da humanidade, ao lado de Wilberforce e Lincoln — a reforma do estado servil; isto é, a abolição da escravatura no imperio, sollicitada pelo sentimento

geral do mundo civilisado contra os interesses mesquinhos da ignorancia e da rotina.

Esta reforma, não obstante ser uma aspiração nacional, encontrou entretanto, como era de prever, uma resistencia tenaz, e para a quebrar foi preciso que o espirito de rija tempera do visconde do Rio Branco se empenhasse n'um esforço supremo. Ainda está na memoria de todos a lucta titanica sustentada na tribuna da camara dos deputados e na do senadô, por este atheleta da palavra contra a cegueira indomavel dos adversarios da reforma, até que no dia 27 de setembro de 1871 é finalmente approvada a lei da libertação.

N'esse momento solemne a população agglomerada nas galerias e na propria sala da camara, rompe em entusiasticas salvas de applausos ao denodado estadista que assim redemia o seu paiz de uma macula vergonhosa. Uma chuva intensa de flores caía das galerias sobre o Visconde do Rio Branco, a esse tempo abraçado por muitos membros das duas camaras, pelos do corpo diplomatico, pelos espectadores, em fim no meio de clamorosos vivas á maioría que tinha approvado a lei e ao homem imminente que acabava de ganhar tão assignalada victoria em favor da dignidade humana e dos credits do Brazil.

O ministro dos Estados Unidos, presente a esta solemne festa da liberdade, mandára apanhar algumas flores espargidas sobre o visconde do Rio Branco, exclamando cheio de enthusiasmo: — Quero que o meu paiz saiba que a causa que lá custou tanto sangue derramado apenas no Brazil custou flores.

Não era bem exacto. A emancipação do escravo tinha custado os esforços de uma grande iniciativa e a luta de uma palavra eloquente, persuasiva e inspirada.

Desde então o visconde do Rio Branco tem uma grandeza consagrada pelo respeito da historia, não precisando mesmo de que se assignalem os serviços prestados ulteriormente ao seu paiz no desempenho dos mais altos cargos, para bem merecer um logar de honra no livro de ouro do patriciado em que o respeito publico inscreve o nome dos grandes benemeritos da humanidade.

Foi elle quem realison a visão magestosa de Victor Hugo ao fallar do grande imperio americano:

«No momento actual divisa-se nas entranhas da civilisação esta gestação augusta:

Estamos a ponto de ver desabrochar um povo que será o Brazil sublimado.»

Este povo é a magestosa região do Cruzeiro lavada da macula da escravidão que lhe enegrecia as luminosas constellações do seu formosissimo ceu.

O visconde do Rio Branco é hoje o chefe do partido conservador brazileiro; mas, conservador á moda ingleza, procura realisar todas as aspirações opportunas e conciliar, como verdadeiro estadista do seu tempo, todos os interesses justos.

O seu aspecto exterior dá-nos logo um alto conceito do individuo. O seu olhar profundamente precustador, o seu finissimo sorriso, as suas maneiras distinctas sem artificio, o seu ar imperturbavelmente nobre, assignalam-o, desde que o avistamos, como um d'esses finos diplomatas da escola ingleza que tem sido a fortuna do seu paiz e a glorificação da politica humanitaria do nosso seculo.

ALBERTO GAMA.

AS NOSSAS GRAVURAS

PALACIO DO CAMPO DE MARTE

O que distingue principalmente a concepção d'este novo palacio do que foi construido para a exposição universal de 1867, é o seu caracter essencialmente industrial, economico e pratico.

O palacio do Campo de Marte, affecta, como o campo sobre que foi levantado, a fórma d'um immenso rectangulo.

As quatro faces d'este rectangulo são assim compostas.

1.º Em toda a extensão da fachada principal uma immensa galeria chamada *vestibulo d'honra* com 310 metros de comprimento sobre 25 de largura

2.º Do lado oposto uma galeria exactamente semelhante chamada a *galeria do trabalho*, das mesmas dimensões que o vestibulo d'honra.

3.º Do lado da avenida Bourdonnaye, a *galeria das machinas*.

4.º Do lado da avenida de Suffren outra galeria semelhante.

Cada angulo do palacio é coroado d'um alto pavilhão em forma de cupula.

A fachada principal é adornada d'um pavilhão central da mesma fórma, dominando a grande porta d'entrada, tendo por objecto essencial e pratico indicar a divisão, clara e cathorica, do immenso rectangulo do palacio em duas secções exactamente eguaes:

A esquerda a secção franceza;

À direita a secção estrangeira.

Graças a esta disposição racional podem-se não só visitar, á escolha, ou conjuntamente, as tres grandes secções: França, estrangeiro, e bellas-artes, mas ainda proceder methodicamente a esta visita seguindo successivamente tal ou tal galeria de preferencia a est'outra.

Eis aqui nos seus traços geraes o que é a admiravel construcção dentro da qual a França congregou, n'uma festa de paz, os mais admiraveis productos do trabalho do seculo XIX.

CAMINHO NA FLORESTA

O quadro do sr. Alfredo Keil que o OCCIDENTE hoje dá reproduzido pela gravura, é um dos mais notáveis entre os que tem executado aquelle nosso distincto pintor, e dos que mais se distinguem na nossa resumida secção de bellas-artes na exposição de Paris.

Representa o quadro um *Caminho na floresta*, uma d'essas florestas aonde o sol claro de julho rompe a custo através da espessa folhagem dos arvoredos, entre os vagos e festivos murmurios da natureza desperta. A esquerda avista-se uma sêbe; protegido pela sombra das grandes arvores da direita vê-se um pintor copiando um *ponto pittoresco*. Sobre a relva luxuriante, aqui e acolá, deslisa um ou outro raio de sol. É cedo ainda; no fundo uma ligeira nevoa encobre a cupula das arvores. No primeiro plano distinguem-se os sulcos indiciosos das rodas d'um carro que passou.

Eis o assumpto do quadro em toda a sua simplicidade.

O sr. Keil tornou-se notavel logo nas nossas primeiras exposições por uma grande somma de qualidades adquiridas, entre outras uma grandissima destreza, testemunhando uma educação artistica muito bem dirigida. Trabalhador infatigavel, não descansando no exito obtido, tentando, d'exposição para expo-



VISCONDE DO RIO BRANCO, JOSE MARIA DA SILVA PARANHOS, ESTADISTA BRAZILEIRO
(Segundo uma photographia de M. Henschel & Benque)

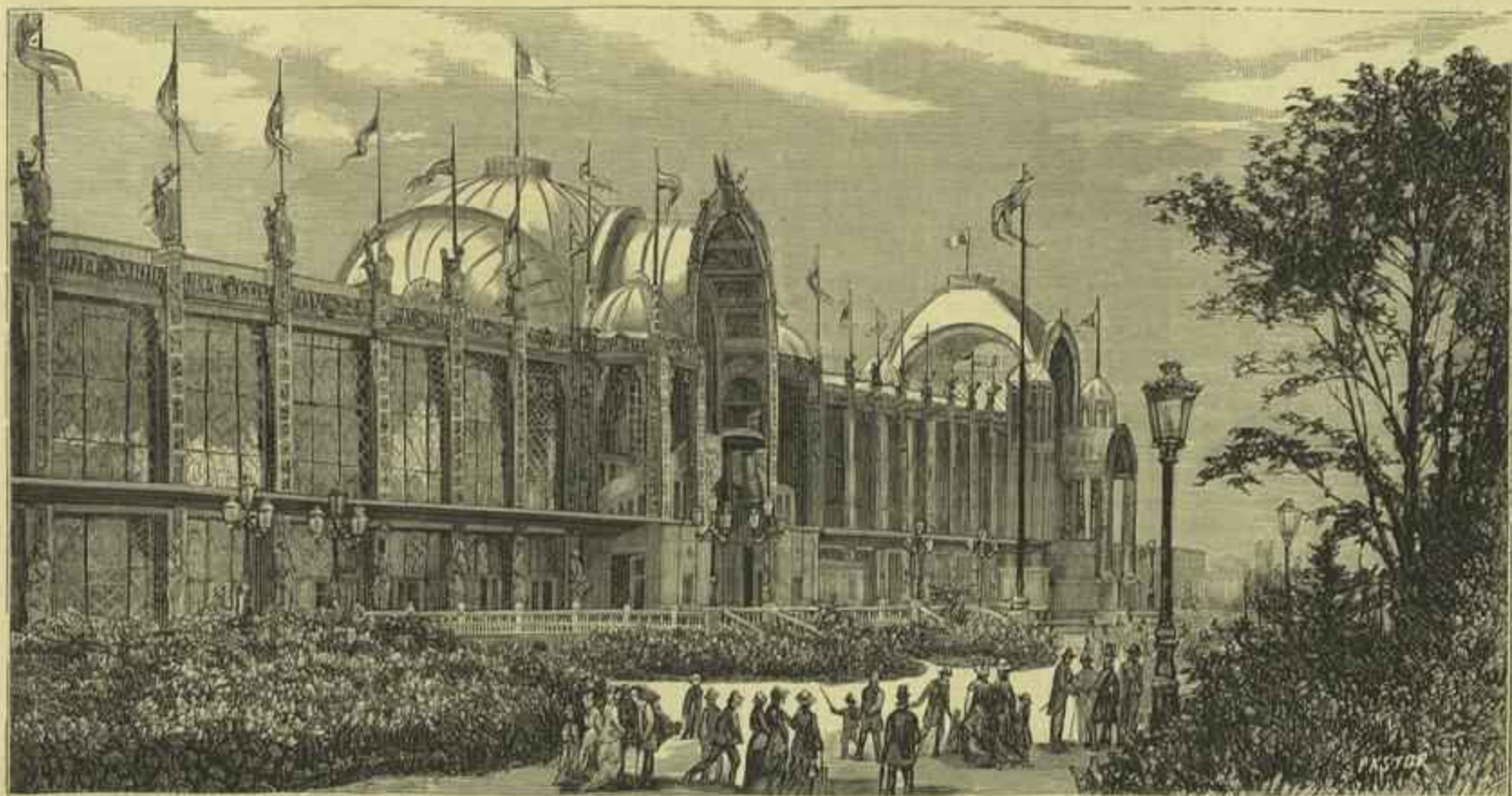
sição, firmar o seu estylo que n'estes ultimos tempos tem ganho muito em largueza e individualidade, o futuro artistico do distincto pintor deve forçosamente ser brilhante.

CUBATA DOS EXPLORADORES PORTUGUEZES NOS ARREDORES DO BINÉ

Os nossos exploradores d'Africa, na sua arriscada excursão pelos invios sertões que vão explorar, soffreram já um primeiro ataque dos *naturaes* do paiz na noite de 30 de março ultimo. Os assaltantes não eram simplesmente as hordas de selvagens coroados de turbantes de pennas e armados de flechas hervasdas como é trivial encontrar n'aquellas paragens: para esses estão os expedicionarios divididamente armados de bellas carabinas inglezas que difficilmente erram o alvo: peor do que isso; foram accomettidos por um bando inimigo contra o qual são impotentes as maravilhosas invenções de Krupp ou d'Armstrong. Tiveram que luctar n'aquella noite terrivel com a formiga que os *naturaes* do paiz denominam *laisunde* e que marchando em grandes exercitos, aos milhões, semeia a devastação no seu caminho, não poupando o homem nem as feras.

A nossa gravura da ultima pagina representa o acampamento portuguez onde os expedicionarios, conseguiram só triumphar

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS EM 1878



PALACIO DO CAMPO DE MARTE (Segundo uma photographia enviada de Paris)

da lucta travada com esse formidavel exercito de pigmeus, acendendo fogueiras ou incendiando as proprias cubatas. Capello acordado na cama quando o inimigo lhe evadia já o travesseiro só pôde livrar-se por um acto de desesperada coragem desusado n'elle — fugindo, não sem ficar deploravelmente ferido na refrega.

A nossa gravura é feita sobre desenho do natural devido a um dos expedicionarios.

JOAQUIM PEDRO DE SOUSA

Creou-se a Academia das Bellas Artes de Lisboa em 1836, e no seu começo logo encontrou moços de talento que provaram cabalmente não faltarem aproveitaveis vocações na nossa terra.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS EM 1878

SECÇÃO PORTUGUEZA DE BELLAS ARTES



CAMINHO NA FLORESTA — QUADRO DE ALFREDO KEIL (Segundo um desenho do auctor)

Os nomes de Mazzoni, Gerard, Monteiro e Metrass, a quem infelizmente não foi dado prolongar uma carreira tão brilhantemente encetada, hão de ser lembrados enquanto viverem alguns dos que os acompanharam nos seus primeiros e brilhantes estudos.

Monteiro e Metrass ainda chegaram a mostrar, em varios trabalhos, o valor do seu talento, porém a morte roubou-os bem cedo á admiração dos amigos e ás esperanças da patria.

Joaquim Pedro de Sousa, que os havia acompanhado no estudo de desenho debaixo da direcção de Joaquim Raphael e de Antonio Manuel da Fonseca, hoje o decano dos artistas portuguezes, foi então aconselhado a dedicar-se á gravura a *talho doce*, e o Conde de Farrobo, que tanto auxiliou os artistas nacionaes, quiz protejel-o dando-lhe os meios para estudar em Paris, aonde se conservou sete annos na qualidade de discipulo do celebre gravador Henriquel Dupont, aperfeiçoando-se no desenho e estudando com methodo os differentes systemas de gravar.

Regressando á patria, Joaquim Pedro de Sousa obteve, por concurso, o logar de professor substituto da aula de gravura historica que por muitos annos exerceu, accumulando o de secretario da Academia, sendo ultimamente, por morte de Francisco de Assis Rodrigues, elevado á cathedra de director.

A sociedade promotora de Bellas Artes, de que era secretario, tambem lhe deveu valiosos serviços.

Na edade de cincoenta e seis annos, na plenitude do seu vigor e da sua força productiva, a morte veio arrebatá-lo ao seu paiz, na madrugada de 2 d'agosto, e hoje podemos dizer que Portugal conta menos um artista de verdadeiro merito.

As melhores obras de Joaquim Pedro de Sousa foram: um desenho admiravel, pelo acabamento, do quadro original do nosso pintor Metrass: *Camões na Gruta de Macau*, trabalho que desejára passar para gravura; os estudos, que fez em Paris, dos quadros de Ingres; alguns trabalhos a pastel; uma ceia do Senhor admiravelmente acabada, e em

gravura, um dos melhores quadros de Anunciação, o *Recolher do gado*; a *Leitura*, quadro de Metras; a estatua d'El-Rei D. Sebastião, de Simões d'Almeida, ultimo trabalho que concluiu; e além d'estas obras de maior vulto, muitos retratos dos nossos homens notáveis, publicados na *Revista Contemporanea*, assim como diversas aguas fortes que vieram á estampa no segundo Jornal das Bellas Artes. Conhecia as diferentes maneiras de desenhar e gravar, o desenho a pastel, a pintura a oleo, e o desenho lithographico em que muito se distinguio.

Joaquim Pedro de Sousa era excellente professor e além dos discipulos que leccionava na academia, em cujo numero se pode citar A. J. Nunes que hoje está concluindo os seus estudos em Paris e provavelmente o virá substituir, teve discipulas que muito o honraram taes como a sr.^a Teixeira Duarte conhecida pelos seus trabalhos a pastel e em pintura a oleo.

Trabalhador incansavel era especialmente methodico e reunia a estas qualidades a de um entranhado amor pelos seus, Joaquim Pedro de Sousa, exemplarissimo chefe de familia, era uma nobilissima alma que deixou no coração de todos os que lhe foram caros um d'esses vacuos que jamais se podem prehencher.

M. M. BORDALLO PINHEIRO.

EXPOSIÇÃO PECUARIA DE PENAFIEL

(Conclusão)

Diremos ainda mais:

Que as doze mil vaccas, que não são nenhuma onze mil virgens, parem annualmente em Barrozo pouco mais ou menos nove mil e seiscentas crias, das quaes cinco a seis mil apenas desmamadas aos quatro mezes descem todos os annos d'esta localidade serrana para as terras do Minho, onde se informam e lhes completam a criação, e com as da produção minhota da mesma raça dão aqui, depois de dois a tres annos de trabalho rural, as melhores cevantes que se engordam para a exportação.

Que as ditas vaccas em Barrozo mal podem entrar na cathogoria de vaccas leiteiras, porque as melhores d'ellas dão apenas, quando muito, mil a mil e duzentos litros de leite por anno; leite porém bastante *butyroso*, pois bastam dezoito litros d'elle para produzir um kilo de manteiga, e tambem bastante *caseoso*, pois dezoito litros rendem tres kilos de queijo, fabricando-se estes lacticinios em Barrozo, mas em quantidade e qualidade muito inferior ao que poderá ser, se por ventura se abrissem boas vias de communicação que facilitassem o transporte d'estes productos. Calcula-se em Barrozo 4.600:000 litros o que sobra das criações. Ora d'estas sobras apenas 30 % é o que se emprega no fabrico de lacticinios; o restante, cousa de 3.300:000 litros, consome o barrozo em especie na sua propria alimentação.

O habitante de Barrozo é pois uma creatura eminentemente galatophaga, mama quasi tanto das suas vaccas como as crias mamam, porque nove mil e seiscentas crias pouco mais gastam em quatro mezes de amamentação que 3.400:000 litros.

E disse.

Agora, um curto discurso a respeito da raça ingleza de Alderney, que representa a estampa.

Ha um pequeno archipelago no mar da Mancha formado das ilhas de Alderney, Guernesey e Zeruy, archipelago notavel na historia de nossos dias, por ter dado respeitosa e amavel guarida ao maior poeta d'este seculo, *Victor Hugo le Grand*, profugo á tyrannica perseguição de *Napoleon le petit*, e onde aquelle poeta lucubrou os famosos romances dos *Miseraveis* e *Homens do mar*, e para onde agora, depois de volvido á patria, por infelicidade d'ella, quer outra vez voltar, pretendendo ahí refocilar, talvez de balde, o quebrantamento physico que importa o *senectus est morbus*.

Este archipelago não é menos notavel hoje tambem pela existencia de uma raça bovina especial, denominada pela principal das ilhas, raça de Alderney, a qual é mais maneira de corpo que a nossa barrozã, e mais gracil que esta em toda a sua conformação, tendo, porém, pelo que bem se distingue, pontas curtas e uma pellege mais ou menos acerejada, retinta e, por vezes malhada de branco, e um ubre grandemente desenvolvido, que indica desde logo sua principal aptidão zootecnica, a de raça *leiteira*, que o é de certo, e estimavel, por isso não tanto pela quantidade de leite, que ainda assim amoja em produção annual cousa de dois mil litros d'elle, ou em média cinco litros por dia, como pela sua qualidade eminentemente *butyrosa*, obtendo-se um kilo de manteiga por quinze a doze litros de leite, manteiga das mais afamadas pelo seu fino quilate e a bella cor de amarello de ouro que accusa.

Teem-se importado para Portugal individuos femeas e machos d'esta raça.

Em 1863, sendo ministro das obras publicas o sr. duque de Loulé, vieram de Inglaterra para a quinta regional de Cintra, seis vaccas e um touro, no proposito de obter ao lado da raça para alguns productos de couramento com a raça turina, nossa leiteira de boa lei, que dessem leite mais *butyroso* que esta dá.

Estudos que o sr. Joaquim Ignacio Ribeiro fez quando em exercicio do seu lugar de director da quinta regional de Cintra, comparando o leite das alderneys e das turinas terrantezas cintrãs, na sua qualidade *butyrosa*, deram-lhe o resultado seguinte: Alderney, por vinte e

tres litros de leite um kilo de excellente manteiga, e produção annual por vacca 100^k,686; turina terranteza, por trinta e cinco litros de leite um kilo de manteiga menos qualificada que a antecedente, e produção média annual por vacca 63^k,318.

O que logo sobrees n'este estudo é a depressão da faculdade *butyrica* na raça de Alderney no nosso paiz a comparar com a que se disse que ella tem no seu proprio solar. Influencia do clima será que lhe affecta esta faculdade, como lhe affecta um tanto a saude em geral, pois que semelhantes rezas a custo vingam por si, puras, não podendo nas cercanias de Lisboa afrontar por isso a raça turina, já afeita de longa data a estes logares.

O que sobrees tambem dos mesmos estudos é que apesar de menos leiteira que a turina, a raça Alderney entre nós produz mais manteiga em todo o caso que aquella raça.

O touro exhibido em Penafiel e ahí premiado foi apresentado pelo sr. visconde de Villar d'Allen, que foi tambem quem apresentou me lhor touro da raça barrozã e que saiu premiado.

Não estranho eu isto, porque sempre tenho notado em todas as exposições pecuarias do Minho, ser o sr. visconde o mais denodado campeador n'estas incruentas luctas apostadas ao progresso pecuario. Folgo que se me tenha deparado mais esta occasião para testemunhar, como por outras vezes o tenho feito, os meus sinceros respeitos por tão fervoroso apostolo do nosso progresso agricola.

SILVESTRE B. LIMA.

OS ULTIMOS AMORES DE GOETHE

IX

A familia de Bettina compõe-se de membros mais ou menos distinctos por diversos titulos no mundo da intelligencia.

A avó tem a celebridade que fica para sempre ligada ás mulheres que um poeta amou profundamente; foi ella a paixão da mocidade de Wieland. O irmão Clemente Boentano, poeta distincto e popular, foi um dos fundadores da escola romantica na Allemanha; o cunhado, Savigny, é celeberrimo entre os eruditos pelas suas preciosas investigações em direito romano, de que era professor; isto sem fallarmos nos amigos da familia, graves personagens de ar solemne e pausado, rigidos conselheiros que parecem desfilar em procissão no fundo d'uma tapessaria flamenga.

Todos elles, quando Bettina saiu do convento com o aspecto esparvido, o cabelo sempre despenteado, a pelle queimada, os olhos cheios de luz, e no espirito os raios do sol, as gottas de orvalho, os aromas penetrantes que roubára á livre natureza, todos elles fizeram exclamações de pasmo e de terror.

Votaram-se então com toda a constancia de que eram capazes tão conspicuas pessoas, a converter a indomavel e deliciosa selvagem aos usos convencionaes da vida pratica, ás regras acanhadas, mas necessarias, do bom senso. Empenho baldado que dava em resultado as scenas mais pittorescas e as discussões mais comicas entre Bettina, que representava os caprichos desordenados da phantasia, e os seus graves parentes que representavam os direitos imprescriptiveis da razão.

Eis como Bettina, com doze annos sómente, contava as suas contendas e os seus martyrios a uma amiga.

— Conheces o meu cunhado Savigny, não é verdade? Imagina que elle vai connosco passear para os campos e que em lá nos apanhando se põe a ler alto. Não ha nada mais detestavel que a tal historia. Eu prefiro mil vezes a esteira de relva em que nos estendemos todos, aos magnificos discursos declamados por Savigny. Depois, tudo me distrahe e me chama a attenção; um pequenino insecto, uma herva, uma borboleta, a cabeça de uma hervinha qualquer com a sua gotta de orvalho. Agarro n'um pausinho e ponho-me a esgravatar na terra para ver immensas coisas. Eis que Savigny dá comigo em flagrante delicto de irreverencia; fica furioso, exclama que não sei ouvir, que tenho muito amor proprio, que nunca hei de fazer nem ser cousa que preste. Sou forçada a esconder-me atrás d'elle para lhe não dar na vista. N'esta posição posso gosar emfim das minhas ferias, e enquanto elle lê o que quer, examino eu o que me agrada.

Entrevêm-se aqui os esforços empregados para vencer a caprichosa sonhadora, natureza dupla, que ás idealidades de uma Santa Cecilia, reúne as malicias... de um gaiato!

— «Bettina, a menina não é nada amavel — dizia-lhe o solemne Von Bostel, um dos conselheiros amigos da familia.»

— «Não sou amavel? Então que hei de fazer para lhe agradar?»

— «Ha de parecer-se com sua irmã Lulú, fallar de vez em quando em cousas razoaveis, escutar o que se lhe diz. A menina tem a inquietação e a travessura de um gato pequeno. Quando lhe falla não dá nenhuma attenção. Anda n'um pé só, pula por cima das mesas e das cadeiras, e quando menos se espera vai pôr-se a fallar com os velhos retratos da familia, dos quaes parece muito mais amiga que de nós, que somos vivos.»

— «Sr. Von Bostel, esses pobres retratos velhos não teem amigos; ninguém lhes dirige a palavra. Eu sinto por elles precisamente o que o meu amigo sente por mim, um dô immenso. Dou-lhes os meus inuteis conselhos tal qual me dá os seus; faço-lhes sermões moraes no mesmo genero. São tão interessantes aquellas cabelleiras velhas!

— «Bettina, faça favor de me ouvir. Que tollices está para ahí a dizer! Como é que uma lona roída pôde interessal-a?»

— «Como eu o interesse a si.»

— «Mas como podem esses quadros corresponder a semelhante sympathia?»

— «Do mesmo modo porque eu correspondo á sua, meu bom e velho amigo!»

Von Bostel, desanimado e seduzido sem o querer, não podia deixar de rir-se, e ia-se embora, deixando a incorrigível Bettina entregue ás suas scismas do outro mundo.

D'ali a pouco surgia, enviado por Clemente, um novo personagem. Um desgraçado sabio, velho, pobre e ridiculo. Tem a cabeça cheia de formulas scientificas e as calças cheias de costuras. E ella, inexgotavel de malicias picaras, pega na penna e conta as comicas lições:

— «Este delicioso mestre de historia vem tres vezes por semana; ás quintas, terças e quartas, deixando-me para roubar os alperches verdes da avó, os sabbados, domingos e segundas. Ora cá para mim, os alperches são um ganho muito mais solido e palpavel do que o gosto de conhecer o que se passou no Egypto em epochas remotas.»

— «As mais densas treças cobrem o berço do Egypto! Se assim é, meu querido mestre, como havemos nós de as alumiar?»

D. MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

O LIMBO

Tu dizes que esta creança de seus paes tão adorada, que tem na doirada trança os loiros tons da alvorada,

Pois tu dizes que este encanto que esta flôr morreu pagã?... são também pagãos, portanto, os lyrios que abre a manhã.

Porque, de certo, também os não fostes baptisar, que elles, eoitados, não tem dinheiro para te dar.

Nem as flôres são regadas com burrifos d'agua benta; porque as nutre e as desdenta o orvalho das madrugadas.

Para ellas que são modestas, e sem instinctos avaros, são extramente caros os rituaes das tuas festas.

E se acaso te levavam co'a tua estola de luxo; rosas, lyrios, palmas, buxo vendidos não te pagavam.

Pois como as flôres louças vem as crianças ao mundo; e no teu dizer profundo todas ellas são pagãs.

E por isso esta, coitada! que não teve o teu carimbo lá vae morta, encarcerada para as profundas do limbo.

Ella a unica alegria, a festa do lar paterno, flôr que alegre lhes sorria nas brumas do sen inverno!...

Que mal fez ella ao teu Deus para a lançar á tortura d'uma eterna noite escura assim arrancada aos seus?

Quem te havia de pagar as custas do baptisado, se o pae jazia prostrado e sem poder trabalhar?...

Morreu, pois, pagã e impura, e tu não queres leval-a para um canto d'uma valla, para a triste sepultura?

Nos teus rigores sagrados aquelles membros inermes irão dar repasto aos vermes sem ser por ti abençoados?

Sim! que esta face tão fria nem este loiro cabelo traseem o sagrado sello da tua chancellaria.

Aos da terra só o teu bendoso consentimento pôde abrir no firmamento os aureos portões do cou.

Porque o nosso passaporte no baptismo rubricado tem de ser refrendado á hora triste da morte!...

Pois se os instinctos divinos te impõem tanta bruteza, padre, deixa á natureza encaminhar os destinos

d'aquelle anjo da miseria. Guarda a agoa benta e os cyrios! deixa que a transforme em lyrios a evolução da materia.

CHRISTOVAM AYRES.

Maio 78.

A PERDIZ DE CARTÃO

(Continuação)

Foi por esse tempo que Lisboa, a pacata burguezia do Occidente, viu, cheia de sensualidades entusiasticas, apparecer, no palco do Principe Real, uma mulher formosa e semi-nua, a cantar com uns requie-bros lascivos uns couplets aphrodisiacos e umas musicas provocantes que até então tinham apenas sido psalmodeadas nos nossos theatros.

A Preziosi fazia uma revolução com o seu impudico decote amplo, com os seus bellos braços claros, e com a sua scintilante graça *canaille*.

Maria da Luz foi uma noite ver a *Perichole* e ficou doida. D'ali em diante a *Perichole* foi o seu evangelho, a sua lição.

Não sabia francez mas adivinhava-o. No conservatorio, de manhã, importunava muito todas as amigas, que sabiam aquella lingua tão *chic*, para lhe ensinarem a letra dos *couplets* mais picantes, e no theatro, á noite, comprimentava toda a gente cantarolando n'um francez de papagaio, versos de Meilhac e Halevy, carregando muito nos RR, como fazia a Preziosi.

O que lhe tinha dado mais no gôto, o seu *couplet* predilecto era aquelle que arrebatava as platéas bashaques do Principe Real.

Ah! *Mon Dieu! que les hommes sont bêtes*

Esse andava-lhe sempre na bôca, e quando os rapazes e os velhos, nos bastidores, lhe furtavam beijos, ella fugia rindo e atirando-lhes com essa verdade esmagadora, precedendo-a d'um *Mon Dieu* muito cantado de parisiense da rua dos Fanqueiros.

Começaram então todos a chamar-lhe a *Perichole*.

E ella morria-se por isso. A sua vocação real, o que ella definitivamente queria ser, era aquillo; era a *Perichole*.

No seu espirito havia ha muito tempo umas ambições vagas, uns desejos indefinidos; tinha lá dentro um ideal adorado, mas um ideal que ella não via muito bem, como que uma estatua coberta com um véo — a Preziosi veio e correu a cortina; a estatua, o ideal era a *Perichole*.

E aquella mulher tão bonita, tão feliz, tão alegre, com um collo tão cheio de carne, e uns olhos tão cheios de amor, com uns cabellos tão louros e uns beiços tão encarnados, aquella mulher que bebia champagne como os pobres mortaes bebem agua, que tinha umas bebedeiras elegantes e umas paixões principescas, que jantava com vice-reis, e vestia veludos, saia-lhe de repente, como nas magicas as fadas saem de dentro das conchas, de dentro d'aquella perdiz que se lhe atravessára no cerebro e que crescendo monstruosamente, como semente em terra fertil, se apoderára d'ella toda.

E cada vez mais desvairada, mais anciosa, mais espicada pela curiosidade e pela ambição, Maria, a *Perichole*, deitava grandes olhares avidos para as perdizes de cartão e sentia desdens profundos e tristes pelo bacalhau descorado e humilde que todos os dias lhe apparecia no prato velho e cheio de gatos, como uma ironia pungente que lhe fazia a vida desgraçada e a digestão difficil.

Começou então a sentir um odio mascarado em desapego pela sua casa pobre, pelo pae que lhe arranhava os seus sonhos macios com o bom senso das suas gargalhadas de troça e com a dureza das suas bofetadas asperas e castigadoras, pela sua velha mãe que trabalhava como nunca moira alguma trabalhou para lhe fazer mais farta a meza e mais á moda os vestidos.

Aquella perdiz que lhe andava lá dentro era uma má conselheira, fazia-lhe ter maus modos e arremços que despertavam lagrimas amargas á velha engommadeira, e respostas tão seccas, tão extravagantes que a pobre da mãe abria uns olhos espantados e punha-se a chorar silenciosamente abanando a cabeça com uns ares tristes.

Entretanto no theatro os namorados ferviam. A *Perichole* tinha-se desenvolvido; o seu busto opulentára-se um pouquinho, graciosamente, o bastante para ninguém a confundir já com um rapaz. Os cabellos tinham agora um certo desalinho elegante que lhe davam uma graça *cocodette* que fazia andar a cabeça á roda aos homens.

E ella era petulante, atrevida, tinha resposta para tudo e mettia-se nas conversas mais escabrosas com os risinhos e a voluptuosidade com que se molham os pés na agua fria antes de mergulhar no banho.

Mas essa turba de adoradores deixava-a completamente fria. Lisongeava-lhe um tanto a vaidade mas não lhe fazia sorrir a ambição. Eram tudo rapazes de theatro, actores, amigos dos actores, gente alegre, galhofeira, patusca, mas gente que não tinha cara de comer perdiz.

Havia um rapaz louro, muito alto, magro como um cabide, que a olhava muito ternamente lá de cima, dependurado na sua immensa

ENIGMA



Explicação do enigma do n.º antecedente:

Um leão fero na floresta Nemés
Cara a cara desmido affrontou.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

altura, e que tinha por ella uma paixão romantica que se destacava em suspiros harmonicos e em versos errados.

A Perichole ria-se muito d'elle; ás vezes com as outras explorava-o: mas não havia exploração possível que dêsse mais que um copo de cerveja ou de licor d'aniz no botequim, nos intervallos dos ensaios. E Maria quando lhe passava do paladar o gosto dos licores sentia por elle um desprezo profundo, invencível.

Uma noite, no meio do primeiro acto d'uma opera de espectáculo, abriu-se com muito estrondo a porta da friza de hoca e appareceram duas mulheres, duas hespanholas, que pareciam feitas de pó d'arroz, com uns vestidos muito vistosos e muito decotados.

Atraz d'ellas appareceu um homemsinho baixo, gordo, quasi preto, com uns olhos negros excessivamente grandes, cabelo anelado em carapinha, e o peito da camisa cheio de botões de brilhantes que cegavam.

O homem fallava muito com as hespanholas, dizia-lhes graças de que ellas se não riam, e espreitava muito para a sala para que todos o vissem n'aquella devassidão luxuosa.

No intervallo o homem dos brilhantes appareceu no palco. Foi um acontecimento. As raparigas em grupos começaram os seus commentarios sobre o desconhecido; as alviçareiras procuravam informações, e quando a Perichole sahio do seu camarim commum, especie de banho geral das coristas, já se sabia a biographia toda do mulato, quem era, o que fazia em Lisboa, onde estava hospedado, e quantos contos de réis tinha.

A Perichole abriu uns grandes olhos ao ouvir-lhe a historia: era um brasileiro que nem sabia quanto tinha de seu, nas suas gavetas haviam mais brilhantes de que papoulas ha nos campos, nas suas algibeiras haviam mais libras do que notas desafinadas nas gargantas de todas as coristas portuguezas.

Elle era feio, muito feio: parecia-se extraordinariamente com um macaco que a Perichole vira na Historia Natural; mas os brilhantes do peitilho diziam ao ouvido de Maria da Luz que estava ali um manancial de perdizes.

E poz-se a passar por ao pé d'elle, fallando alto, cantarolando, *tu n'es pas beau, et pourtant je t'adore*, dando entoação languida á voz, meiguice ao olhar, rindo ruidosamente, dando-lhe nas vistas.

O brasileiro olhou para ella, e ella sustentou-lhe corajosamente o olhar negro fazendo-se muito vermelha.

Durante o outro acto houve entre elles um namoro furioso; quando não estava em scena, a Perichole ia a correr, ás escondidas do contra regra, para o bastidor fronteiro.

Nessa noite não dormiu, e pela manhã quando fechou os olhos, a perdiz estendeu as azas sobre o seu somno, voando já muito mais proxima.

À noite o brasileiro estava na friza, mas sem hespanholas; com uns rapazes do theatro que lhe adivinharam a paixão para lhe comerem as ceias.

Isto durou muitas noites. Ao fim de quinze dias, uma das amigas da Perichole, quando em scena se ia para uma d'aquellas ceias



JOAQUIM PEDRO DE SOUSA, DIRECTOR DA ACADEMIA DE BELLAS ARTES DE LISBOA.
Fallecido em 2 de Agosto de 1878. (Segundo uma photographia de M. Charles Jagotin)

No dia immediato a policia procurava a Perichole, que cheia de vergonha e de aborrecimento perguntava a si mesmo se aquillo é que era a tal perdiz tão fallada e em que ella sonhara tantos dias e tantas noites.

E no fim de tudo são assim todas as perdizes e todos os ideaes. Que lhe atire a primeira pedra quem não tiver na sua vida uma perdiz de cartão.

GERVASIO LOBATO.

BIBLIOGRAPHIA

VIDA DO GRANDE CIDADÃO BRAZILEIRO LUIZ ALVES DE LIMA E SILVA, DUQUE DE CAXIAS, pelo padre Joaquim Pinto de Campos, prelado domestico de Sua Santidade e deputado á assemblea geral legislativa do Brazil.

É um bello volume de mais de 400 paginas que acaba de sair das officinas da Imprensa Nacional de Lisboa. O seu auctor escrevendo por tal forma a apotheca de um dos vultos mais proeminentes do Brazil, honrou o seu paiz e deu eloquente testemunho de qualidades litterarias brillantissimas. As tradições acticas da pura linguagem portugueza não são hoje vulgarmente guardadas na mãe patria com o cuidado que por ellas manifesta o auctor da *Jerusalem*. A vida do duque de Caxias enlaçando-se na moderna historia do Brazil está magistralmente narrada n'este bello livro do sobrio e eloquente dizer, aonde o auctor não perde de vista um só momento as lições dos nossos mais elegantes

classicos. Apenas nos é dado n'este logar fazer uma curta menção das obras com que nos hooram os seus auctores, mas faltariamos aos dictames da propria consciencia se não dissessemos ao fallarmos d'este livro que o sr. Pinto de Campos o traçou com a austera consciencia de Plutarcho e a elegante penna de Vieira. Ora no nosso tempo não é vulgar encontrar um escriptor que tenha herdado estes dons conjunctamente.

O auctor da *VIDA DO DUQUE DE CAXIAS* honra pois tanto o sacerdocio da religião como o sacerdocio das lettras de dois paizes irmãos pelas tradições e pela lingua.

LALLEMANT FRÈRES TYP. LISBOA
6, Rua do Thezouro Velho, 6



CUBATA DOS EXPLORADORES PORTUGUEZES NOS ARREDORES DO BIHÉ.

(Segundo um desenho enviado pelos expedicionarios)